

[POESIA]

# TUDO ATÉ AGORA

---

Apenas mais  
um coração  
fazendo barulho

Roberto Prado

---

[ ] [ ]  
[ OUTRAS ]  
PALAVRAS

Biblioteca  
Parana 



Máquina de Escrever  
editora | produção cultural

# **TUDO ATÉ AGORA**

---

Apenas mais  
um coração  
fazendo barulho

A Máquina de Escrever Editora e Produção Cultural foi selecionada pelo Edital de Apoio à Publicação de Obras Literárias – OUTRAS PALAVRAS N.º 011/2023 – da Secretaria de Estado da Cultura, para a publicação de 13 obras literárias premiadas no Edital de Concurso 005/2020 – Outras Palavras.

Coordenação e Edição:

**Victor Augustus Graciotto Silva**  
**Juliana Cristina Reinhardt**

Diagramação:

**Rafael Ferrer Kloss**

Assistente de diagramação:

**Clara Reinhardt Silva**

Revisão:

**Cida Grecco**

Revisão textual da capa:

**Bárbara Franco Justi**

TODAS AS INFORMAÇÕES CONSTANTES NESTA OBRA SÃO DE RESPONSABILIDADE EXCLUSIVA DO AUTOR  
PROJETO APROVADO PELA SECRETARIA DE ESTADO DA CULTURA – GOVERNO DO PARANÁ, COM  
RECURSOS DA LEI PAULO GUSTAVO, MINISTÉRIO DA CULTURA – GOVERNO FEDERAL.

**P896**

Prado, Roberto  
Tudo até agora / Roberto Prado.  
\_\_\_ Curitiba: Máquina de Escrever, 2025.  
202 p.; 14 x 21 cm

ISBN: 978-65-87517-79-7

1. Literatura Brasileira - Paraná. 2. Poesia Paranaense – Antologia.  
I. Título.

CDD: 869.9162

Filomena N. Hammerschmidt – CRB9/850



**Máquina de Escrever**

Editora | Produção Cultural

Curitiba - Pr - Brasil  
Fone: (41) 98406-1935  
contato@editoramaquinadeescrever.com.br  
editoramaquinadeescrever.com.br



# TUDO ATÉ AGORA

---

Apenas mais  
um coração  
fazendo barulho

Roberto Prado

Curitiba 2025





# Sumário

## **Prefácio**

Amplo Espectro – Alberto Centurião.....	15
ultimato est.....	25
1ª aula de ilusionismo .....	26
tantã .....	27
destróia .....	28
subtrações.....	29
quem poupa, tem.....	30
uma letra.....	31
musas.....	32
no tapetão .....	33
sinfonia para gritos, resmungos, choro e ranger .....	34
com quantas pauladas se faz uma alma boa.....	35
nuvens carregadas .....	36
a volta triunfal.....	37
no disparo do coração.....	38
prensada é da defesa.....	39
viajante.....	40
linha cruzada .....	41
buraco negro.....	42
acima das letras .....	43
deliberações sintéticas da ordem dos geômetras nefelibatas.....	44
arquipélago .....	45
no batuque do coração.....	46

um piscar.....	47
imperativo da primavera.....	48
comovendo junto.....	49
depende-me-quer.....	50
brisa.....	51
maré de si.....	52
mantra.....	53
espetacular.....	54
era pra ontem.....	55
agora depois.....	56
à sombra dos chorões.....	57
o gira.....	58
suave mãe que nos dá a sombra.....	59
día da criança.....	60
o que é que há.....	61
99 %.....	62
sonhando alto.....	63
ó, céus.....	64
na insensatez do tom.....	65
entranha: descascando cebola.....	66
canção do carneirinho.....	67
lua cheia.....	68
virado do avesso.....	69
oração partida.....	70
dez mandamentos.....	71
é de quem não pegar.....	72
não.....	73

Primeira aula de cartografia aplicada.....	74
brasil brasileiro.....	75
rios de janeiros.....	76
de cara limpa.....	77
à vista.....	78
criatura memória.....	79
parafuso.....	80
lavagem neuronal.....	81
naquele tempo.....	82
meio tropeço andado.....	83
passado: vim, vi e inventei.....	84
antenido.....	85
futebol compacto.....	86
koan do quando rimar.....	87
assim.....	88
homem pétreo.....	89
amplo espectro.....	90
culpa no cartório.....	91
era ele ou eu.....	92
a bem da verdade.....	93
falando com as paredes.....	94
morro e não vejo tudo.....	95
ipê amarelo.....	96
por detrás das cortinas.....	97
as desventuras de um bem-intencionado.....	98
entre pré-natal e post mortem.....	99
pérolas.....	100

vou te contar.....	101
sagração da primavera .....	102
autobiografia animal.....	103
regorjeios.....	104
de repente.....	105
selva insone .....	106
amplo espectro.....	107
que o diabo nunca me carregue.....	108
endocentrismo.....	109
repeteco.....	110
linha morta, rima posta.....	111
escola da iluminação súbita.....	112
a testemunha do nada.....	113
está escrito .....	114
outro ararat.....	115
nem saber .....	116
um outro lado.....	117
desvendo.....	118
minhas caras graças .....	119
koan do café.....	120
hoje não .....	121
dobrando esquina.....	122
indiGENTEgestão .....	123
é aquela água.....	124
perdas & danos .....	125
hora do clinch.....	126
panorama da ponte que partiu.....	127

entradas & bandeiras.....	128
meias águas.....	129
palavras na mesa.....	130
sete palmos abaixo da batatinha quando nasce.....	131
não posso parar.....	132
pensando em não pipocar.....	133
nascido em 1959: futebol compacto.....	134
do parto ao ponto de partida.....	135
é muito.....	136
pura ciência.....	137
ciência pura.....	138
dando sopa.....	139
o fundo do baú.....	140
agora.....	141
no corredor da morte.....	142
espelho medonho.....	143
telhado.....	144
fragmentos de um discurso odioso.....	145
jesus e a sombra.....	146
a vida é grudenta.....	147
o que tanto você lembra?.....	148
leito derramado.....	149
cheiros são flores.....	150
era bonito.....	151
não razão.....	152
de primeira: não tem xepa.....	153
desatino cruel.....	154

sim e não .....	155
puro faro.....	156
no mundo, sem cachorro .....	157
assim .....	158
relendo Roberto Prado .....	159
radical livre .....	160
treino.....	161
colhendo no baldio.....	162
o querer.....	163
banco de reservas.....	164
a partida.....	165
<b>TERCEIRAS COISAS – BÔNUS 1.....</b>	<b>167</b>
cadela mia.....	168
sentado à beira do campinho .....	168
desta vez vai bater .....	169
ao meu grande, único e verdadeiro amor .....	170
chão de brasas .....	171
eu não vou ter amigos aos 40 .....	172
south american way of life .....	173
céu rotineiro .....	174
um direto ao mestre zen artes marciais aldo lubes.....	174
democracia .....	175
eu por mim .....	176
feliz engano novo.....	177
ainda que seja de dia.....	178
águas marinhas .....	179

dia DDT da dita cuja.....	180
ponto crítico.....	181
pão seco na porta.....	182
sempre alerta.....	183
sorvido de bandeja.....	184
<b>TERCEIRAS COISAS – BÔNUS 2.....</b>	<b>187</b>
Tim-tim à beira do abismo.....	189
Traga o vinho.....	190
De cidade em cidade .....	191
O vinho dos amantes .....	192
Alma do vinho.....	193
Um dia desses.....	194
o sobrevivente do são joão.....	195
tudo pode ser.....	196
<b>Pós-fácio</b>	
Apenas um toque discreto – José Arrabal.....	197



***homenagem geral***

brindo  
saúdo  
louvo  
aleluia  
honra e glória  
a todos os que ave  
e dão vida e graça  
a este meu  
salve salve

Roberto Prado



## Prefácio - Amplo Espectro

Alberto Centurião

Seres multifacetados que somos, em múltiplas personas nos manifestamos; porém existe uma delas que mais nos mostra e revela. Pois a persona poeta é aquela que mais se afeiçoa à protoface pessoa, porque de todos os feitos manifestos do sujeito é a poesia seu jeito de mostrar-se o mais inteiro e perfeito, para seu próprio deleite. São muitos Robertos Prado, mas a persona poeta do sujeito indigitado é aquela a que me refiro aqui nestas maltraçadas. Não falo, pois, da pessoa, mas da persona poeta. Por certo, a que mais chega perto do nosso amigo Roberto, mais conhecido por Beco.

Pelo conjunto da obra, Roberto Prado está entre os grandes de sua geração e se destaca em meio àquela chusma de bravos que, há meio século, aquartelados em Curitiba, produzem essa beleza grátis, perfeita, natural a que chamamos poesia, que vira música, que vira teatro, que vira slogan, que vira e mexe invade a vida e causa espécie, espanto e alumbramento.

Do alto de seus quase dois metros de estatura física, está em posição privilegiada para lançar mira sobre o mundo, a caçar mazelas e belezas, em busca de inspiração e motivo para essa obra de amplo espectro, destilada neste tomo e diluída em inúmeros solos e parcerias que se espraiam por outras praias.

- o cinema, a música, o teatro, a crônica, o conto, a tradução e a novela literária
- além das tarefas do ganha-pão com o jornalismo, a propaganda e o marketing
- e de nutrir sua numerosa prole com pão e poesia, amor e filosofia.

Manuel Bandeira declarava-se poeta menor, (1) por suas características de temática e linguagem, em contraste com os ditos poetas maiores, grandiloquentemente voltados a temas sociais e universais. Já Roberto Prado passeia com desenvoltura

por grandes e pequenos temas, sabendo ser épico e confessional, filosófico e romântico, místico e satírico; ao tratar com igual desenvoltura microcosmos e macrocosmo, paixões e revoluções, sua lira soe soar contrapontos de infinitos e infinitésimos, tragédia e farsa, filosofia mística e miséria social. Sendo de sua natureza ser poeta maior e menor, produziu a obra de amplo espectro contida neste tomo, sob o título que de certa forma, inadvertidamente ou não, o classifica e define.

Trinando com igual desenvoltura sua voz pelas escalas maior e menor, alevanta-se na rara condição de poeta de amplo espectro. Humildemente carismático, sabe ser confessional sem pieguice e descer aos detalhes sem perder perspectiva. Navega no mar das emoções sem afogar-se num rio de lágrimas, discreto e marcante, coerente e contraditório, múltiplo e único. Recatado sem timidez, respeitoso sem subserviência, alegre sem euforia, grandioso sem grandiloquência, engajado sem ser panfletário, delicado sem fragilidade e vigoroso sem pesar a mão, sua poesia é sofisticada sem hermetismo, descomplicada e complexa, requintada sem ostentação, simples com estilo e veemente sem imposição. Como ele não disse, mas poderia ter dito: É pouco ou vai querer mais?

Caso queira, lá vai!

Nessa poesia que reside nas pequenas coisas...

A gente é gente simples, senhora.  
Gente que depois de uma boa paulada  
já é bem capaz de ver estrelinha. (2)

... nas pequenas emoções...

nenhuma razão para dor  
nenhuma razão de orgulho  
somente mais uma canção  
apenas mais um coração  
fazendo barulho (3)

... pulsam descobertas...

por que não juntar o nosso nada  
o eterno que move, o nunca que repousa  
e fazer destas perdas somadas  
o achado de alguma coisa? (4)

... o planeta reverbera...

desta vez não vamos sujar o rio  
nem inventar leis desalmadas  
apenas novamente simples heróis  
descobrimos mundos, trocando fraldas (5)

... reverbera a humanidade...

sumir ou sofrer?  
ninguém ou bilhões?  
sei não  
melhor nem morrer (6)

... a família...

a suave mão do pai fecha as cortinas  
não é fácil, pai e mãe, sonhar sozinho (7)

... a infância...

foi só ali, pai, que me adotei  
e aí foi que senti, só, que só faltava eu (8)

... a solidão...

duro ter sido o garoto estranho  
que virou um cara esquisito (9)

... as dores secretas...

choro por vós  
que chorais tão baixinho  
que às vezes até nós  
seus adivinhos  
deixamos a chorar  
sozinhos (10)

O poeta em processo de autoconstrução:

eu crio meu próprio crer  
então é isso que é ser feliz? (11)

Poesia em que indivíduo e sociedade que se interpenetram:

nasci assim, fico sem jeito de morrer  
vai a alma, o corpo ainda quer ser  
e debaixo de uma outra civilização  
bate o coração, ruína dura de roer (12)

O homem e seus fantasmas...

O remorso, pesadamente,  
entrou no auditório.  
Pedi a palavra,  
abriu um dicionário. (13)

... heroicamente ridículo...

triste fim  
venci a tropa toda  
esqueci do rintintim (14)

... às voltas com as mazelas cotidianas...

não posso dormir com a realidade nua  
após comer uma verdade crua

...

um poeta está no olho da rua (15)

... ou com as origens do universo...

isso de onda ser partícula e vice-versa, até discuto  
mas o início num lance de dados,  
pensando bem, eu vejo e veto, ao acaso (16)

... senhor de si, o poeta em busca de grandes e pequenas vitórias...

quase com a mão na taça  
dando a vida por coisas  
que ninguém quer nem de graça  
pelo sim e pelo não  
cansei de depender  
do distinto público  
e do juiz ladrão (17)

... faz suas escolhas...

agora quero tudo de primeira

...

vou começar assim já na segunda (18)

... a filosofar por instinto...

é claro que tenho minha teoria  
o mundo começou daqui há pouco  
quase um nada antes do depois  
e logo no início do aqui mesmo (19)

... mesmo perdida a esperança, ainda e sempre, um olhar de criança.

o menino procura seu cachorro  
todo mundo é ladrão de cachorro  
todo carro é matador de cachorro  
toda rua é perigosa pra cachorro (20)

O poeta faz autocrítica...

Nem tudo que vem eu sei  
Certas coisas nem fui eu (21)

... avalia a situação...

nunca acaba  
nem quando termina (22)

... e nunca entrega os pontos.

morri de vivo  
porque menos mal assim (23)

Uns nascem para brilhar, outros para iluminar. O brilho deste poeta não ofusca, mas alumia ao redor. Já com 17 anos, publicado na histórica antologia Sala 17, profetizou:

Eu – que na noite gélida  
lidei –  
serei  
...  
o construtor  
O cantor alucinado da luz (24)

Em Minifúndio, também publicado em Sala 17, o poeta confessa e define:

Tenho sim a fome imensa  
                                   da memória e seus fragmentos  
                                   habitando esses versos  
                                   cultivando flor de combate.  
   nem bonita nem feia:  
   artigo de primeira necessidade. (25)

De fato, poesia é artigo de primeira necessidade e a que Roberto Prado entrega a seus consumidores/leitores é artigo de primeira. Ponto.

Quanto a você, Leitor, não durma no ponto! Abra logo esta cesta básica – que nada tem de básica, mas é fundamental – e reative suas funções vitais.

- |   |                                       |
|---|---------------------------------------|
| (1) <i>Manuel Bandeira – Testamento</i>                 | (13) <i>culpa no cartório</i>         |
| (2) <i>com quantas pauladas se faz<br/>uma alma boa</i> | (14) <i>guerreiro cronópio</i>        |
| (3) <i>tantã</i>  | (15) <i>dobrando esquina</i>          |
| (4) <i>subtrações</i>                                   | (16) <i>pura ciência</i>              |
| (5) <i>A volta triunfal</i>                             | (17) <i>espelho meu</i>               |
| (6) <i>agora depois</i>                                 | (18) <i>de primeira: não tem xepa</i> |
| (7) <i>suave mãe que nos dá a sombra</i>                | (19) <i>puro faro</i>                 |
| (8) <i>dia da criança</i>                               | (20) <i>no mundo, sem cachorro</i>    |
| (9) <i>o selenita</i>                                   | (21) <i>relendo Roberto Prado</i>     |
| (10) <i>à sombra dos chorões</i>                        | (22) <i>a partida</i>                 |
| (11) <i>naquele tempo</i>                               | (23) <i>radical livre</i>             |
| (12) <i>destróia</i>                                    | (24) <i>Manhã Manhã</i>               |
|   | (25) <i>Minifúndio</i>                |



TUDO ATÉ AGORA  
Apenas mais um coração fazendo barulho



## **ultimato est**

sobe! crosta terrestre  
desce! abóbada celeste

## 1ª aula de ilusionismo

a luz se curva ante a matéria?  
nada nesta mão e nada resta  
mais espaço, a mágica começa

a frase sai sem ter ideia  
diz tanto quanto dá na telha  
um som nenhum puxado pela orelha

cartola tola, fraque de aluguel,  
atrás, estrelas, furos em fundo negro  
que a partir de agora passa a ser o céu

bruxuleio que faz do real um erro  
palavra, luz luxo, miss miséria  
o poema se curva ante a plateia?

**tantã**

por fora  
por dentro e entre  
pela vida afora  
e antes  
hora após hora  
por exemplo, agora,  
eu rimo sempre

dono de batuque nato  
às vezes bato fraco

nenhuma razão para dor  
nenhuma razão de orgulho  
somente mais uma canção  
apenas mais um coração  
fazendo barulho

## **destróia**

pedra que sobre pedra quer restar  
o que eu sou não é mole desmanchar  
implosões, marretadas e de quebra  
um novo shopping center no lugar

nasci assim, fico sem jeito de morrer  
vai a alma, o corpo ainda quer ser  
e debaixo de uma outra civilização  
bate o coração, ruína dura de roer

## **subtrações**

que tal pegar tudo que temos  
e deste todo fazer a grande falta  
um salto que cai, uma queda que  
salta essa soma assim sem mais nem menos?

por que não juntar o nosso nada  
o eterno que move, o nunca que repousa  
e fazer destas perdas somadas  
o achado de alguma coisa?

## **quem poupa, tem**

derramando afeto, contando tostão  
sempre pobre, quase um monge  
de oásis em oásis, ouvindo o coração

é miragem real ou miração  
aquele caixa eletrônico ao longe  
brilhando na solidão?

## uma letra

puxe um silêncio do estoque  
e deixe a letra bater  
chame um batuque exato  
para o silêncio dançar

puxe  
chame  
dance  
e deixe

evoque que vem  
no espírito da letra  
todas as letras  
que o silêncio tem

## **musas**

anos a fio dando ouvidos  
a deuses muito discretos  
amigas, amigos, amiguinhos

se sou mero objeto de meus afetos  
quem é aquilo sozinho que vai  
tropeçando em meus versinhos?

## **no tapetão**

têm vezes  
que desando  
no embalo

outras horas  
a coisa  
não rola

de quina em quina  
aprendi que tudo  
quica na mesma via

a bola  
que faz festa  
faz fisioterapia

## **sinfonia para gritos, resmungos, choro e ranger**

Barulho, barulho, barulho  
nunca abandona  
um bom ouvinte.

Barulho, barulho, barulho  
esse mar de orgulho,  
meu caro caramujo,  
não vale um pedinte.

## **com quantas pauladas se faz uma alma boa**

Minha nossa,  
perdoa a dor  
em nossa alminha.

A gente é gente simples, senhora.  
Gente que depois de uma boa paulada  
já é bem capaz de ver estrelinha.

## **nuvens carregadas**

ai de quem pensa do alto  
ai de quem enxerga mais  
ai de quem dá asas à tempestade  
ai de quem sabe voar  
ai de quem ignora o peso  
ai de quem pousa onde quer

os mais leves carregam o mundo nas costas

## **a volta triunfal**

aqui vamos fazer nossa casinha  
ali a fábrica não ficará muito longe  
uma escola com vista pra montanha  
e o templo sem imagem nenhuma

desta vez não vamos sujar o rio  
nem inventar leis desalmadas  
apenas novamente simples heróis  
descobrimos mundos, trocando fraldas

## **no disparo do coração**

minha amada poesia  
visões da vida verdadeira  
minha cara companheira  
prece que parece canção  
ama onde o meu mais louco amor mama mia  
maldito sopro de santa oração  
por você, levo essa reza alada  
sete palmos acima do chão  
até aquele belo dia  
onde, disparado,  
alcançarei meu coração

## **prensada é da defesa**

nem bem mal começou  
a partida  
bola dividida  
some o campo e a torcida

dúvidas subtraídas  
fica no meio,  
prensada, a saída:  
nós dois o resto da vida

## **viajante**

hoje acordei me achando  
agora nem eu me aturo  
desde sempre esse garoto perdido  
pelas cidades do futuro

## **linha cruzada**

no sonho esquecido  
um deserto:  
tudo mais que perfeito

entrou areia:  
você nem tinha nascido  
eu era de outro jeito

## **buraco negro**

de tudo  
que mais amo no mundo  
eu tiro o som

falo o que cala fundo  
para que o poema,  
buraco negro,  
diga o que eu sou

por mais absurdo  
só sobra cinema mudo  
daquilo que eu acho bom

## **acima das letras**

ainda bem que existe o til  
essa cobra malcriada  
para arrancar do paraíso  
o chapeuzinho vermelho

dono de circunflexa inocência  
hoje volto ao pó do próprio suor  
acentuando com todas as letras  
a distinção entre lobo e vovó

## **deliberações sintéticas da ordem dos geômetras nefelibatas**

### *1. Um grande sólido geométrico.*

mal de deserto com água se cura  
nada por perto, chover é precipitação  
cúmulo mesmo é formar uma figura  
nuvem que deixa ver densa a solidão

### *2. Elementos obedientes.*

de olhos fechados eu desvendo  
pobre cego de tanta idiotia  
mistérios? esse sol nascendo  
só para comprovar minha teoria

### *3. Supremacia da fórmula.*

com a ajuda do meu céu  
de nuvens esparsas fiz uma você  
agora que eu passei para o papel  
não está mais aqui quem te vê

### *4. Compasso de esfera.*

o sol é um sólido insolente  
o belo horizonte, uma linha  
eu traço e eis o nascente  
no ninho, poente, a galinha

### *5. Linha férrea.*

mesmo contando nos dedos  
tudo o que eu calculo bate  
desastre não tem segredos  
agora sim, astros, ao debate

## **arquipélago**

reservo  
mesmo entre os versos  
mais severos  
alguma terra firme  
e aquela água

rota aberta  
para alguém sonhar  
que quem gostaria de levar  
para uma ilha deserta  
é maior que o mar

## no batuque do coração

rimo rindo  
rimo porque sim  
rimo indo e vindo  
quanto mais rimo melhor  
rimo sim e daí?  
vivo porque rimo  
se rimo amanhã saberei  
rimo sempre  
rimo uma eternidade  
rimo porque morri  
confesso que rimei  
rimo porque em verdade  
em verdade eu sei  
que mesmo naquele dia  
se a rima me faltar  
rimarei

## um piscar

tenhamos o que vemos  
ou, ao menos, carona,  
não tema, venha comigo,  
vejamos o que temos

Choros? Hoje não. Talvez cenas mudas, tristes canções,  
medos, amor, grandes coisas e outros temas, causas  
externas para pronta internação. Deixemos, também,  
espaço e atenção para angélicas eternidades, serenatas à luz  
do dia que, afinal, estão aí para nos deixar com o espírito na  
mão. Sem perder, porém, a santa serenidade, volte ao  
recomeço respirando inspiração para, em companhia do que  
se revela, deixar ler e mandar ver, enquanto a vida, ventre  
livre, segue à revelia, sempre-viva nem sempre bela.

ainda bem que você está aqui para ver  
quase nem deu pra explicar  
porque só não vendo para crer  
o que temos e perdemos num piscar

## **imperativo da primavera**

humano, assumo o ar silvestre  
época de amor conforme o calendário  
flores façam tudo o que não digo  
coração, aceite o eixo terrestre

ninho esta vida leve no bico  
viva de brisa o papo sozinho  
estações, aqueçam seu poeta  
primaveras, passem com carinho

## comovendo junto

árvores sem movimento  
dói o mormaço lá fora

eu moro por dentro  
vivo de brisa  
e demoro longe

não vejo a hora  
quebro vento  
e arrumo galho

o pouso da ave  
vale quanto penso  
não move uma palha

movo junto  
apenas o sopro do sentimento  
comovo uma folha

## **depende-me-quer**

- Espera!
- Tudo a seu turno!
- A terra é esfera!

Disse isso ao mundo  
a petúnia petulante.

Para esquecer completamente  
quando tornou a primavera  
uma pétala adiante.

**brisa**

como um salário de fome  
para o cabeça de vento  
vem o sopro da primavera  
e sobre este vale tudo de lágrimas  
soletra um nome  
para que eu viva de brisa

## **maré de si**

A memória melhora  
o que o mar levou.

Saudade das tolas hemorragias  
jorrando da terra do nunca  
para as ondas sem coração.

Virar areia é preciso.  
Às vezes volta à praia  
o sangue do que já foi.

## **mantra**

amor & cabana  
sonho boboca  
vida bacana

## **espetacular**

quem ama, ama  
ama até doer a matéria

mas você, paixão,  
é uma pálida ideia

mísera víbora sem coração  
condenada a fazer média

eternamente a dar show  
de artéria em artéria

em nome de um amor, amor  
amor que não precisa de plateia

**era pra ontem**

sem quem me faça naninha  
acordo cedo demais pro meu tamanho

canto para o galo, trato a galinha  
resolvo minha roça antes do banho

a luz do sol já nasce velha  
mas ainda sonho o que me dá na telha

**agora depois**

o poeta  
quando vai  
pra onde irá?

irá para a lua  
onde há ninguém  
para olhá-lo?

ou rumo à China  
chorar cantando  
entre seus iguais?

sumir ou sofrer?  
ninguém ou bilhões?  
melhor nem morrer

## **à sombra dos chorões**

choro por vós  
que chorais tão baixinho  
que às vezes até nós  
seus adivinhos  
deixamos a chorar  
sozinhos

## **o gira**

luas que olhei  
sóis que adivinhei  
onde andarão  
agora que girei?

## **suave mãe que nos dá a sombra**

a suave mão do pai fecha as cortinas  
não é fácil, pai e mãe, sonhar sozinho

na triste treva o coração ingrato  
ao ledor engano pede belo pesadelo  
ora pela luz de um astro estranho  
e fere os olhos na noite medonha

o meu, pai e mãe, sonhar mesquinho  
é não sentir mais o peso do descanso  
e ainda pedir uma graça: sempre ver no escuro  
a palavra, cantiga, beijo, boa noite

se o mais certo é dormir sem ficar cego  
não é fácil, pai e mãe, sair do sonho

## **dia da criança**

num lar ao léu onde chorar é a lei  
alguém vagava pelas ruas do Brasil  
vinha com saudades do Casemiro de Abreu  
aurora da vida, imensa pátria sem pai

alguma coisa ali voltava aos trilhos  
um calor carinho vindo de longe  
pôs um novo menino entre meus filhos  
com um sorriso não sei de onde

foi ali, na hora em que o céu era todo seu,  
que eu acariciei meus cabelos por você  
foi só ali, pai, que me adotei  
e aí foi que senti, só, que só faltava eu

## **o que é que há**

o que há além  
do que lhe dá na telha?  
gatos, luas, folhas

o que há além  
do que lhe dá na telha?  
ladrões, nuvens, centelhas

o que há na mente falha  
que ainda anda à luz de sóis  
que não existem mais?

**99 %**

pelo ouvido  
pelo tato  
pelo cheiro  
achei o veio sem fim

do jeito que vem, vai  
nem que nunca seja  
bem assim

## **sonhando alto**

cantar cantigas de ninar  
deu-me muitas horas de voo

ando meio fora do ar  
só de pensar onde soo

pequenos problemas no radar  
de quem está deixando o zoo

## **ó, céus**

nenhum pio  
nada de nuvens  
não há azul

ó céus!, que são tantos  
que cada um tem o seu  
e ainda tem quem não veja  
quando a gente cai do céu

## na insensatez do tom

venha bem-vinda  
que eu sei aonde vou  
mas não ainda

venha ao som do coração  
que a rima pode ser o fim da linha  
mas ainda não

que venha veia  
essa mão no remo anos a fio  
quando o leme se foi

que venha esse balanço sincopado  
esse naufrágio macio, certeza absoluta  
batucando no vazio

venha sim, sem rumo, sem rumor  
pode chegar fazendo onda, sim,  
mas deixe essa marola pra mim

**entranha: descascando cebola**

dentro do dentro  
no meio do miolo  
nas profundas do centro  
do núcleo de tudo  
é ali, no fundo, no fundo,  
que habita você  
minha alma do outro mundo

## **canção do carneirinho**

Adeus, elegante repetição,  
salto sobre salto sempre certo.  
Desculpe, sou mesmo um desastrado.  
Desaprendi a arte de pular cercas  
e hoje já não sirvo para fazer dormir.

Na hora de dar sono sou mero penetra,  
outra ovelha preta, desgraçadamente a cair.  
Mas dentro do sonho você me encontra,  
conta comigo quando a coisa escurece  
e meus amiguinhos já não estão nem aí.

## lua cheia

minhas selvas têm canteiros  
cores lindas de doer veredas  
galhos linhas garras seculares  
pólens plurais de mim mesmo

pios sons santos pelas trilhas  
rastros assombros fugas cantatas  
cios venenos almas singulares  
seres que só aparecem indo embora

pelos dias vidas linda de morrer  
sobre novas formas de dizer isso  
dores flores dentes sacrifícios  
e soberana mata e sobretudo nada

sóis de dentro brilhando às cegas  
nos abismos névoas indo pelos cheiros  
a terra é uma lua cheia de bicho  
salve minha selva cheia de cantigas

## **virado do avesso**

ponha-se na sonolenta sina  
do sonhador profissional  
calcule-se sonhar acordado  
e, ao dormir, virar seu avesso

imagine-se despertar na real  
e perto do eterno recomeço  
abra-se e venha de lá um abraço  
agora sim, amigo, eu te reconheço

## **oração partida**

acordei em um sonho esquisito  
eu mesmo era o estranho  
que falava coisas desconhecidas  
e de vez em quando sumia

fiz força para decorar  
aquelas tão belas palavras  
não dava tempo de anotar  
a metade que eu entendia

tentei voltar a dormir  
como todo sonhador que se preza  
mas continuei surdo às minhas súplicas  
– não mereço ouvir a própria reza

## **dez mandamentos**

delire na criança  
não bula na flor  
pense estrelas  
não rele no bicho  
gire o sol  
não zombe do bem  
sofra uma lua  
não duvide do amor  
acredite nos amigos  
e não saia da sua

## **é de quem não pegar**

tanta coisa deus dá  
tonto fico observando  
desisti de pegar  
se dou-me uma folga pra pensar  
esse muito que cai do céu  
eu tento, mas não sei abraçar  
cada sonho em seu lugar  
deus dá demais  
fico com o que deixo passar  
algo, se me cabe, gruda sem pesar  
sobras, descansem em paz  
amigos, nada a separar

**não**

dei duro e eros me abriu seu coração  
não preciso nem de boca pra baco me estender o garrafão  
    marte me deu uma mão  
mamon perguntou quanto era e puxou o talão  
    um belo dia tive de dizer não  
mas ainda amo essa humanidade marrom  
    fiel a eros, baco, marte e mamon

## Primeira aula de cartografia aplicada

“Que me quer o Brasil que me persegue?”

*Gregório de Matos*

dizem que existe um mapa  
que diz onde eu estou  
nele o lugar onde nasci  
fora os inimigos que eu perdi

outra lenda diz para falar  
o que a minha língua quer dizer  
nota zero pra mim outra vez  
desculpa não cola o que partiu

onde quer que eu vá tem um Brasil

**brasil brasileiro**

meu espírito santo nadou no rio  
rolou os veios de minas  
pelas sandálias de paulo

depois, bem quietinho, do nada  
abriu uma fresta pequena  
um tiro na testa, uma antena

## **rios de janeiros**

pedra com rosa  
doce com verde  
pão com flor

no tudo ou nada  
o pai da paisagem  
inventa o amor

## **de cara limpa**

uma ampulheta de luz  
mira na hora de areia

a beleza vaza o olho  
e abre a cachola cheia

delire essa visão:  
o real é um erro  
no miolo da miração

## **à vista**

O bom do caminho são os passos,  
mas a vida pisa em veludo.

Os maus pedaços unidos  
se amontoam para estudo.

A estrada passa ou a pessoa anda?  
Acho que nisso você disse tudo.

## **criatura memória**

nossa senhora das minhas musas  
minha angelical divina fada  
que a treva bata em sua trave  
antes da batalha ser travada

sobre sua brisa, diva santa elegância  
relevo morno, enlevo doce, leite, úmida alvorada  
me leve logo para que eu não esqueça  
como a vida é difícil de ser lembrada

## parafuso

longas datas até parecem ontem  
monte de coisas tem memória curta  
ando a cata de que me contem  
certos fatos de maneira torta

o corpo crê lembranças vivas  
a alma diz sofrer horas mortas  
e se separam na via das dúvidas  
deixando ontens pra pagar na volta

ao morrer não me desmontem  
certamente falta um parafuso  
algumas partes há que se rompem  
entre outras já quase sem uso

## **lavagem neuronal**

analisando meus lapsos  
e esquecendo bem sincero  
admito que ainda rasteja  
o verme de uma magoazinha

agora sim, pode ser a glória  
mesmo que no fim evapore  
e tudo na minha memória  
seja 70% água marinha

## **naquele tempo**

ainda quero o sem querer  
como sempre nunca quis  
faço pelo não fazer  
e desapareço com a cicatriz  
eu crio meu próprio crer  
então é isso que é ser feliz?

## **meio tropeço andado**

a meio caminho do leite das pedras  
que dá nas pedras do meio do caminho  
veio esquecido de procurar  
o leite do caminho das pedras  
que ainda anda sobre as ondas  
a caminho do meio

**passado: vim, vi e inventei**

Nem sempre há o em frente.  
O nunca, de hoje em diante,  
são passos pra todos os lados  
em direção ao mesmo diferente.

Pedaços de mau caminho,  
esfinge que nem me vê:  
a partir daqui só siga quem sabe  
voltar sozinho.

**antenado**

não ligue se seu osso moer  
na liga do metal você adivinha  
se neva  
se faz sol  
se vai chover

## **futebol compacto**

aos 45 do terceiro planeta  
a sete palmos da grande área  
o coveiro me coloca na gaveta

## **koan do quando rimar**

rimo quando indo morro de rir  
somo o som, acho melhor assim  
pegada só serve mesmo pra cair  
a piada dada não se sabe o fim

**assim**

se é isso que você quer sonhou  
eu sou qualquer alguém assim  
aquele que o coisa alguma tocou  
e tudo continuou comum

aqui não passa disso, diz a vida além  
uns matando você matando alguns  
algo logo ali, ela nem aqui  
nada mudando o nunca em nenhum

entre um vácuo e outro um quase encontro  
está em falta o tempo de desistir  
o último número faz passar da conta  
o zero não existe, você volta a sorrir

## homem pétreo

não é terremoto  
não é vulcão  
é cinza que respira  
é pó sangrento que tropeça  
pisando a pedra do próprio coração

## **amplo espectro**

fica a leve impressão  
de que algo me diz:  
o sódio ama!  
o potássio chora!  
o glicogênio pensa!

o fósforo comendo solto  
mas nem que o oxigênio tussa  
o seu fosfato acorda  
(você resmungo)

## **culpa no cartório**

O remorso, pesadamente,  
entrou no auditório.  
Pedi a palavra,  
abriu um dicionário.

Mas, como culpa puxa palavra,  
que chupa outra do estoque,  
sob apoio ruidoso da claque,  
negou qualquer aparte.

Reclamando da sorte,  
sacou do bolso do colete  
a lista telefônica  
de Nova Iorque.

## **era ele ou eu**

O passado? Nem te conto.  
Não que fosse muito diferente.

Quem sabe apenas não houvesse  
chegado a esse ponto.

Ou talvez eu é que não fosse  
totalmente assim antigamente.

## **a bem da verdade**

ainda que seja o seu mais solitário  
oculto íntimo naufragar  
mesmo aí não faltará  
boa alma sempre alerta que grite  
homem ao mar

## **falando com as paredes**

a parede da direita  
é amiga de infância  
cheia de rabiscos, mas perfeita  
sob a aparência branca

a parede esquerda me entorta  
parece minha família  
tem até uma porta  
que abre e fecha de carícia

com a parede em frente  
não posso guardar segredo  
enfrento o espelho enorme  
apenas com algum medo

parede para as estrelas  
o teto lembra jesus  
lá uma lâmpada acende velas  
na minha falta de luz

mas falando com as paredes  
não pode faltar a da janela  
por onde, olhando bem,  
ainda saio por ela

## **morro e não vejo tudo**

O futuro olhou para trás e virou rocha.  
Nele, os momentos duplos,  
sob montes de ontens,  
rolam nas encruzilhadas.

O passado ainda espera  
que você escolha certo  
entre pedra e pedra  
o peso de seguir adiante.

Nada vai embora, a não ser os janeiros,  
como penas que não têm volta.  
O resto é vida que segue,  
carregando a própria estátua.

## **ipê amarelo**

o oco no bolso  
o vácuo no cofre  
o zero no banco

espaços em branco  
à espera do ouro  
da imensa primavera

## **por detrás das cortinas**

andam depositando dinheiro  
em minha conta

ouço gente me chamando  
de meu louro

alguém tem extraído  
os meus fracassos das mentes

e depois de me guiar  
e distrair com pensamentos bons

ainda me dita o seu próprio louvor  
esse santo anjo do senhor

## as desventuras de um bem-intencionado

pra ver esse sol  
redondo  
rodei um mundo  
e meio

e o imbecil  
me fecha  
no bueiro

## **entre pré-natal e post mortem**

frio infernal, calor tremendo  
algum lugar do mundo não está doendo?  
pergunto, esqueço  
o correio não entrega sem endereço

a frase, pra começar, acaba nascendo  
com cara e jeito de pó escrito  
até pareço um dos que já foram  
talvez por isso mesmo eu me cito

quem entenderia, já morreu?  
quem amaria, ainda não nasceu?  
pergunto, esqueço  
e olhe que isso é só o começo

## **pérolas**

Buda falou e disse  
quando disse  
que tudo é ilusão.

Jesus ensinou  
que a coisa só anda  
a golpes de perdão.

Vazio ou cheio,  
o caminho de Tao  
é mais no meio.

Foi aí que me vi sozinho,  
com essa chuva de pérolas  
batendo no meu focinho.

## **vou te contar**

o vento venta  
deixe eu pensar  
não sei de cabeça  
é oito ou oitenta?

porém não esqueça  
que antes e depois e no meio  
– isso só contando  
no sentido horário –  
tem outros novos números  
que esqueci num dicionário

o vento venta  
o oito não é o começo  
o oitenta não chega ao fim  
é oito ou oitenta?  
conte pra mim

## **sagração da primavera**

o tempo  
não faz mal

primavera  
só tem muitas

a minha foi  
boa demais

## **autobiografia animal**

### **1. deixando passar**

o polvo  
cansa menos  
se me movo

### **2. nobreza**

existe algo  
na rua o cão manco  
vira galgo

### **3. amigo**

rua vazia  
a sarna do cachorro  
única alegria

### **4. ontem?**

passo de lesma  
parece que foi ontem  
era ontem mesmo

### **5. é isso aí, bicho**

fome canina  
força de touro  
sapiência girina

### **6. guerreiro cronópio**

triste fim  
venci a tropa toda  
esqueci do rintintim

## **regorjeios**

ontem  
os passarinhos  
estavam loucos.

nem vi  
os passarinhos  
ontem?

então ontem  
eu estava louco

**de repente**

voos repentinos  
poemas  
tristes pétalas

desfaça as malas

belezas doem  
se você quer  
levá-las

## **selva insone**

esse é o mundo  
dos espertos

um dorme  
de orelha em pé

outro acorda  
de olho aberto

**amplo espectro**

só depois de morto  
você me entenderá

vivo, primo demais  
pela complicação

não sou mesmo  
desse mundo

debaixo de sete palmos  
você verá como sou

profundo

*(Parceria com José Alberto Trindade)*

## **que o diabo nunca me carregue**

foi pesadelo  
com certeza

eu ria  
olhando o rio

meu rosto  
refletido  
prosseguiu

seguindo  
a correnteza

## endocentrismo

um pouco de fome eu recomendo  
o frio vai te deixar tremendo  
traição, sim, ia esquecendo  
violência, só pra ficar doendo  
desilusão é bom nascer sabendo  
portanto comece sempre crendo  
doença? eu vou ficar devendo  
esse atalho de dizer me rendo  
incompreensão eu já nem vendo  
humilhação, bem, disso eu entendo  
uma pá de miséria rasa fervendo  
caldo de solidão frio escorrendo  
leve um doce pra continuar sendo  
volte cedo, filho, sem remendo  
não há morte se assim sofrendo  
agora sim – já pra dentro! –  
nascendo

## **repeteco**

tudo muito mais igual por aqui  
meu papel sempre carbono respondeu  
antes da mesma pergunta existir

tudo sem dúvida chega ao fim  
insistir entre um e outro  
já sabendo que é sempre assim

nada como voltar a repetir  
e nem preciso lembrar como vai bem  
a velha persistência em desistir

## **linha morta, rima posta**

apuro indícios após o crime  
navalha não, nenhum revólver  
denuncio a mim, juro que vi-me  
bem mal o enigma se resolve

volta ao local a alma mordoma  
quem cometeu nada o detinha  
digital zero, testemunha em coma  
a rima não foi o fim da linha

## **escola da iluminação súbita**

no aconchego do escurinho  
sozinho em boa companhia

no conforto da amiga treva  
ele não acordava nem dormia

era a hora do um por todos  
era a hora do cada um na sua

era a luz daquele belo dia  
em que o sol mostrou a porta da rua

## **a testemunha do nada**

no dia em que testemunhei  
eu sei você também estava lá  
acontece não era bem isso  
vou contar, a coisa foi assim

eu sozinho, era de todo mundo ver  
alguém dirá nunca aconteceu?  
quando a própria coisa veio, parada  
ia acontecer, eu sei, quase não foi

eu até previa, era bem ali  
quisera dizer nada não aconteceu  
tudo não passou  
aquela coisa alguma era de doido  
mais um, nenhum, prevendo coisa

## **está escrito**

tudo que eu digo está escrito  
do umbigo um ao infinito  
tudo que eu digo sai bonito  
som maior, memória do proscrito  
sonho que sempre acaba em grito  
espaço que passa, tempo maldito  
que nunca atende ao meu apito  
e faz o que já é mais esquisito  
do umbigo um ao infinito  
tudo que eu digo está escrito

## **outro ararat**

Quando deus pairava  
na face da grade  
era pouco verbo  
pra muita miragem.

Então a meia-luz se fez  
grudada no arame  
de um infinito  
embrulhado para viagem.

Hoje, só espio de longe:  
antes tinha de monte.  
Pensei que o teu passado  
era uma mensagem.

**nem saber**

não vale dizer que leva  
um susto a cada coisa  
que insiste em acontecer  
justo como o planejado

a folha cai por puro querer  
o vento venta sabendo  
ao acaso o profeta vê  
um propósito, vidente sendo

o estúpido prever pronuncia  
a lei do ainda não sei  
rogo não saber, sabedoria  
poupe-me do que já penei

## **um outro lado**

tudo é nu  
tudo é cru  
tudo sai sangue  
tudo dói corta  
tudo bate  
e tem arestas  
tudo vai volta  
tudo faz falta  
nada disso tudo  
é o coração  
andando à solta

## **desvendo**

o defeito está no olho  
de quem reflete  
até achar que está vendo coisas

aqui, ali, alado  
o prazer secreto  
de imaginar o outro lado

## **minhas caras graças**

que fazer além de cronometrar  
a hora exata de perder o trem  
e enquanto nem espero descobrir  
dessa desgraça toda a besteira  
brincadeira de quem só quer meu bem  
motivo amigo pra morrer de rir  
as boas graças da vida, me atrasar  
e saber que sempre tem trem pra sair

## **koan do café**

com muita fé e pouco pó  
fiz café ralo pra todo mundo  
ninguém está só

imbecil café ralo não é café não há mérito em dividir o que  
não é dar o nada nunca foi prova de fé não existe todo  
mundo e a questão de se estar só não tem relação com o pó  
ao qual você retornará agora vá fazer um chá pra aprender a  
dita cuja lição de não transformar sonhos e desejos em água  
suja de ninguém tomar e pelo amor de deus não desperdice  
mais a boa sorte de poder dar a todos nós o prazer de vê-lo  
desafiando a morte ao preparar e beber totalmente só uma  
boa xícara de café bem forte

esse pó é meu  
o que dele coa  
todo mundo já bebeu

## hoje não

olhe, por exemplo, aquela flor  
cor não existe  
triste é a forma das ilusões  
sólidos? líquidos? gasosos?  
são tudo um estado de não  
não há acima  
e nenhum som  
afasta o meio  
do seu fim

as dimensões são uma  
essa só senhora dor  
esse só solitário criador  
não há ontem  
e por falar de amor  
e voltando àquela flor  
hoje, não, hoje não  
volte amanhã, por favor

## **dobrando esquina**

não posso dormir com a realidade nua  
após comer uma verdade crua  
nada se esconde  
tudo caminha e ninguém segura  
  
um poeta está no olho da rua

## **indiGENTEgestão**

Pelos garfos,  
era pra dois.  
Pelo jeito,  
sobrou pra mim.  
Pelo tanto,  
fica pra depois.

## **é aquela água**

jorrando rolando fluindo  
chorada das alturas  
escorrega a memória cheia

de repente, sem mistério  
ou névoa ou bruma ou neblina – nada  
tudo evapora

a água ainda é aquela  
a infância é agora  
ou nunca

**perdas & danos**

causas & afetos  
cores & sonsos  
cheiros & choros  
bendita a memória perfeita  
veras minhocas queridas  
que a velha cachola cheia  
nunca enjeita

## hora do clinch

já bebi tonel  
náufrago nato  
jabeei lento  
beijei a tona

coração de pedra  
fui ao fundo  
água quando abraça  
não bate muito

## **panorama da ponte que partiu**

eu tinha lá minhas dúvidas  
naquele tempo nada mais normal  
passaram toneladas cúbicas  
debaixo da ponte sobre o rio tao  
guardo ainda uma ponta de súbitas  
o tempo teima em não me fazer mal  
ideias doem, algumas ainda úmidas  
vai, água suja, ardo mas digo tchau

## **entradas & bandeiras**

velhos amigos  
debaixo do asfalto  
os passos antigos

## **meias águas**

a rã de bashô  
calado  
nunca me pagou

aquele troco  
que o sapo de jackson  
me diz quanto foi

## **palavras na mesa**

sombras se esgueiram  
entre vírgulas  
separadas por tontas sílabas  
que se espantam

nesta mesa, caros amigos,  
como em tanta véspera  
o que ainda me separa  
de nossa santa ceia?

**sete palmos abaixo da batatinha quando nasce**

Entre um dedinho de prosa  
E um metro de verso  
Cale essa boca e descasque

## **não posso parar**

O caso é que quando paro  
me sinto deslocado,  
peixe de outros mares.

Ai, perdas!

Vai, vidas!

Sai, azares!

Estar no tempo perdido  
entre os comuns mortais  
ou ser causa de pena  
entre os demais.

## **pensando em não pipocar**

A pipoca explode por um processo  
similar ao da dinamite.

Eis dois tipos de coisas que viram do avesso  
ao imitar um estalido no ambiente.

Agora, voltando ao começo,  
eu sei porque perco o apetite:  
pensar coisas que não fazem o que peço  
ou mostram entranhas sem precisar de convite.

## **nascido em 1959: futebol compacto**

pedi pra rever a cena  
em câmera lenta  
a máquina enguiçou em 1960  
e tudo continuou se repetindo  
lance cada vez mais lindo  
eu revendo  
e a vida vindo

uma dúvida porém  
já não me acompanha a maca:  
haverá vida além  
deste gol de placa?

## do parto ao ponto de partida

tomado um passeio  
com ola e olé no meio  
levou, além do voleio,  
a vaia que devolveu  
sua fuça ao espelho

desmascarado  
colocado pra escanteio  
veio de quebra  
na volta  
o maior vareio

e mancando até a maca  
sob a sanha assassina  
da massa ensandecida  
suou sangrando e sozinho  
o banho de bola  
da sua vida

## **é muito**

O tempo ruim foi pra ficar.  
O agora não quer ir.

Tudo precisa de dois.  
Isso, no momento,  
é muita gente.

Deixa pra depois

## **pura ciência**

esse excesso de dor parece risada  
meu bom humor, confesso, é uma piada  
isso de onda ser partícula e vice-versa, até discuto  
mas o início num lance de dados,  
pensando bem, eu vejo e veto, ao acaso  
a lei da gravidade até que passa  
se restrita ao espaço de uma temporada de caça  
essa pura música faz-me eco na cabeça oca  
tudo qual me obedecendo fica mudo  
– morte à matéria! cadeia à ideia!  
– cesse o perpétuo intercâmbio móvel de relações  
chamado universo!  
– vibre a energia que vive deste tráfico!  
– reste a inteligente força que nunca se move!  
sei do que existe, sei do não saber  
sei sentir belezas, sei de estar só  
agora sei que aqui é mesmo o cafundó

## **ciência pura**

com dois milênios de atraso  
o cara errado  
pergunta para um certo mestre por acaso  
cruzando o saara a nado

a terra é quadrada, você sabe  
portanto, máximo cuidado no recuo  
dano? deixe em paz a coisa errada  
o certo é que por si só se faz perpétuo

## **dando sopa**

Quando os cinco sentidos saem pela boca  
ainda dá para ler as letras no esqueleto.  
A maioria pode-se saber até por sob a pele  
mas, sobretudo, pela peleia de sugar tutano.

Quisera que, analfabeto, em me apalpando,  
o dígito mal me compreendesse.  
Ou, se houvesse me apalpado, não cobrasse  
os feixes magros que eu vendera.

Palavras já não dizem, façam vento!,  
que vida rara é ser por dentro e estar na cara.  
às vezes quebro e doo coisa pouca  
mas o fato é que meus ossos já dão sopa.

## **o fundo do baú**

perdidas nos meus guardados  
coisas de pouco muito valor

juras mais sentidas  
contas ais penduras  
as tais coisas da vida

gloriosas escórias retalhadas  
e outras merecidas torturas  
no faz de conta da memória

**agora**

nenhuma queixa  
da boca não sai  
o berro na cabeça

## no corredor da morte

quieto, silêncio, as grades têm ouvidos  
não faça, nada, nem o barulho do ruído

deus, dizem, apenas com o benquerer  
me deixa inteiro, detona o pelotão  
cai um decreto do governador  
sete segundos antes da execução

os gás que vaze e alimente o coração  
elétrica onda, campo de compaixão  
o machado desaparece na ascensão  
pescoço vibra, a corda vai pro caixão

veneno, depende da hora, até que é bom  
nada mal, também, faltar munição  
mas, porém, todos esses métodos falhando  
tem cara por aí que andou ressuscitando

volte, silêncio, passos lentos no corredor  
talvez seja apenas um novo estoque de perdão  
ah! era você, silêncio? pode voltar a si  
– o amor nunca mais vai sair daqui

## **espelho medonho**

quase com a mão na taça  
dando a vida por coisas  
que ninguém quer nem de graça pelo sim e pelo não  
cansei de depender  
do distinto público  
e do juiz ladrão

herói peito pesado  
cumpro agora meu dever sagrado:  
arcar com as medalhas  
que me tenho dado

## **telhado**

o que há além  
do que lhe dá na telha?  
gatos, luas, folhas

o que há além  
do que lhe dá na telha?  
ladrões, nuvens, centelhas

o que há na mente falha  
que ainda anda à luz de sóis  
que não existem mais?

## **fragmentos de um discurso odioso**

meu espírito já não vê viva alma  
agora enfim só a me perguntar  
o que afinal isso quer dizer  
se dizer é desejar  
e desejo dá no mesmo que dar  
murro em cabeça de prego  
com Jesus atrás?

## jesus e a sombra

deixe-me uma luz  
que dela faço a própria sombra  
deixe que essa luz pareça minha

faça que seu caminho de luz seja moldura  
dê-me sempre um novo chão em branco  
e com o que sai de mim  
deixe que me assombre

faça-se uma luz  
deixe-me assombrar seu caminho  
deixe que se mova minha sombra

faça que sua luz sempre me acompanhe  
deixe que eu deixe minha sombra  
deixe que eu deite a alma ali

na relva ou na lama  
à luz da sua luz a sombra da minha sombra

## **a vida é grudenta**

mesmo sendo boa  
a alma leva o corpo a voar  
até que é tarde

quando bate o carma  
alto lá!  
não tem asa que salve

## **o que tanto você lembra?**

Lembra? Claro que lembra, era aquela,  
aquela ali, lembrou?

Ah! Não!

Vai dizer que esqueceu  
justo aquela uma  
que praticamente a gente morou?  
Aquela uma lá, que representa o tipo  
de uma estradinha,  
aquela lá lá, perto do armazém  
da Dona Coisinha,  
aquela logo ali,  
que antes parecia tão longe.

## **leito derramado**

quem me alimentou  
lá de onde você veio?

quem era esse que derramou  
lágrimas rubras em qual seio?

de onde vim agora estou vendo  
o quanto enfim eu era amado

sangue desta fé correndo  
sob o leite derramado

## **cheiros são flores**

*(aroma para a Liliane)*

Cantando para o meu anjo da guarda dormir,  
alguém que muito me adora soprou:  
do amor deve sobrar só o perfume  
e que arda em brasa toda a obra  
pra que dela brilhe mais o lume.

Dormindo para o meu anjo da guarda falar,  
vejo na leve pétala que me leva  
a língua de fogo que nos devora.  
A primavera tem aroma de uma Eva  
que essa vida, brisa, não carrega.

A lenha chora, mas eleva labaredas.  
Soa alto o salmo doído que o calor amansou.  
Sobem cheiros, flores das almas delicadas.  
– Delicadas feito esse anjo da guarda  
que alguém que muito me ama sonhou.

**era bonito**

foi bom  
aquele pisar manso  
as ruas de granito

era bonito  
ter atirado pedras  
na cidade

sem saber  
que a cidade  
é pedra

## **não razão**

para não ser muito ainda falta um pouco  
o troco certo do preço duvidoso  
o preciso pelo precioso  
não estou aqui para trocar algo por tudo  
nem para dar a vida por salvo conduto  
sou cego e não mudo  
não vejo razão para ficar louco

## **de primeira: não tem xepa**

agora quero tudo de primeira  
a ciência exata do cultivo  
fina flor, talento no preparo  
colheita mais que perfeita  
servida como manda o figurino  
desde a colocação na prateleira  
chega de sobras e restolhos  
ficar só com o que sai da bunda  
eu quero tudo de primeira  
vou começar assim já na segunda

## **desatino cruel**

esse mal jeito de gênio  
minha santa paciência  
e esse o excesso de oxigênio  
me fazem o diabo em pessoa

exato qual morto de susto  
acha justo serem isso desatino?  
apesar que não fico triste  
mera letra a mais no destino

## **sim e não**

os problemas ficaram pequenos  
penderam entre o sim e o não  
quando tudo era mais ou menos

a dúvida nunca foi o meu cruel  
há muito perdi a conta  
de quantos quero ver no céu

certo, errado, cabeça tonta  
viva quem coloca a bomba  
e viva quem a desmonta

## **puro faro**

é claro que tenho minha teoria  
o mundo começou daqui há pouco  
quase um nada antes do depois  
e logo no início do aqui mesmo

sei que não é mole ir por um só louco  
some você mesmo ao que já falei  
um deus, teimoso, veio obscurecer  
o testemunho do onde já se viu

qualquer indício nos leva ao tombo:  
a perna que falta ao saci  
se você bota no lugar  
ele deixa de o ser? eu existir?

## **no mundo, sem cachorro**

o menino procura seu cachorro  
todo mundo é ladrão de cachorro  
todo carro é matador de cachorro  
toda rua é perigosa pra cachorro

todos são suspeitos

uma cauda da mesma cor abana ao longe  
o menino sorri e corre  
pra aprender de perto que no mundo cão  
pode chorar que é outro cachorro

**assim**

se é assim, eu quero  
estaca marco nota recruta  
tudo zero

**relendo Roberto Prado**

Nem tudo que vem eu sei  
Certas coisas nem fui eu  
Outras descubro bem depois

Dizer que ir embora é um prazer  
Não significa ter para onde ir

## **radical livre**

morri de vivo  
porque menos mal assim

mas antes do luto  
meu estúpido estudo  
sobre o valor nutritivo  
da raiz do capim

**treino**

O olho  
no olho  
acendo.

A qualquer  
instante  
chega

a hora  
de olhar  
para dentro.

## **colhendo no baldio**

o céu me ama  
eu acho  
os vizinhos garantiam  
que era mato  
os amigos achavam  
que era mamão-macho

## **o querer**

Bom mesmo  
é o que tem.

Escolho sempre  
o que vem.

Tudo na vida  
cai bem.

## **banco de reservas**

aos 45 do terceiro planeta  
a sete palmos da grande área  
o coveiro me coloca na gaveta

## **a partida**

a partida não está perdida  
o jogo ensina, a vida confirma:  
nunca acaba  
nem quando termina



## TERCEIRAS COISAS – BÔNUS 1

*PARCERIAS – Banda de poetas*

## **cadela mia**

cadela vira gata  
alquimia  
viralata

(Roberto Prado e Marcos Prado)

## **sentado à beira do campinho**

ninguém vai querer saber  
se você presta ou não presta  
a grande maioria te odeia  
e o resto te detesta

eu já fui como você  
não tenho vergonha de dizer  
agora pernas pra que te quero  
que ninguém é de ferro

na guerra entre o ponteiro  
e o quarto zagueiro  
quem vai na bola  
sai pra reserva de padiola

só não me use como espelho  
eu sou bonito e você é feio  
tire a minha imagem do tubo  
quadrado é o teu cubo

(Roberto Prado e Antonio Thadeu Wojciechowski)

## **desta vez vai bater**

em todos os textos antigos  
desde os tempos mais remotos  
maremotos e terremotos  
ainda não foram castigos

o pior não está acontecendo  
deixe o cometa halley voltar  
o céu prepara um calote polar  
nada se verá de tão tremendo

daquela vez ia bater  
da próxima vez vai bater  
tem que bater

o mudo terror de tua alma em alarde  
nem o mais escuro esconde  
quer correr mas agora é tarde  
quer gritar mas agora é longe

(Roberto Prado e Antonio Thadeu Wojciechowski)

## **ao meu grande, único e verdadeiro amor**

“Para tão longo amor tão curta a vida”

*Luiz de Camões*

“a rosa é formosa/ bem sei/ porque a chamam/ flor/ d`amor/ não sei”

*Almeida Garret*

que meu amor não seja pra ti pesado fardo  
antes borboleta em seu ombro delicado  
triste um dia parti e eis-me agora intacto  
ficam espinhos enquanto caem flores do cacto

venha entregue a mim, meu jugo é suave  
você lembra tudo que me fez sentir saudade  
meu coração viu estrelas no céu da sua cidade  
olhe-as na minha para ver como sou de verdade

pena que pra tanto amor tão pouca vida  
é menos que o meu sentir tudo que eu diga  
pudera foras como eras outrora, querida  
pluma leve que o tempo leva sem ser ferida

(Roberto Prado, Marcos Prado e Antonio Thadeu Wojciechowski)

## **chão de brasas**

comido o pastel de brisa  
sonho pela barriga  
o vídeo da última comida  
não há piquenique sem formiga  
salva de sal grosso  
nas partes do elefante  
acordo para o almoço:  
espetinho sem carne

(Roberto Prado, Antonio Thadeu Wojciechowski,  
Marcos Prado e Sérgio Viralobos)

## **eu não vou ter amigos aos 40**

meus amigos bebem demais  
meus amigos fumam demais  
meus amigos falam demais  
meus amigos brigam demais  
meus amigos morrem demais

do jeito que tudo vai  
eu vou ficar  
na cidade sem cachorro  
bebendo sozinho  
fumando sozinho  
falando sozinho  
brigando sozinho  
morrendo sozinho

minha cabeça não aguenta  
um por um indo pro saco  
rezando prum deus babaco  
eu chego sozinho aos 40

(Roberto Prado e Antonio Thadeu Wojciechowski)

## **south american way of life**

eu sei que isso não vai dar em nada  
mas não custa mais uma chacoalhada  
o inglês pede cigarro em turco ao japonês  
vou tentar lhe explicar pela última vez

não entra na tua cabecinha  
assim como você não entra na minha  
espero que você faça nada por mim  
triste espetáculo vê-lo comer capim

já me acostumei a falar com as paredes  
mas não custa tanto ser ouvido às vezes  
o bom pistoleiro, antes de olhar, saca  
vou repetir, só que agora à tapa

não te torturo mais com esta ladainha  
deus dá o trigo, o diabo leva o saco  
e ainda por cima mija na farinha  
(minha saliva no fundo do teu prato)

só não digo que o que digo  
entra por seu ouvido  
e sai pelo outro lado  
porque o som não se propaga no vácuo

(Roberto Prado, Marcos Prado e Antonio Thadeu Wojciechowski)

## **céu rotineiro**

como está não é de todo mau  
ficar naquela dá na mesma  
até pra quem vai levando a vida continua  
daquele jeito mais genial

rotina de um deus você na rua  
catando o nada de novo como tudo igual  
olhando o sol, a terra, a lua  
sem nunca ter visto coisa nenhuma

(Roberto Prado e Antonio Thadeu Wojciechowski)

## **um direto ao mestre zen artes marciais aldo lubes**

o golpe de mestre é só esboço  
você não sabe o que está perdendo  
o pé, o umbigo ou o pescoço

se é pra desistir comece agora  
aqui quem fica vai embora

(Roberto Prado e Antonio Thadeu Wojciechowski)

## **democracia**

o povo deste povoado  
resume tudo num refrão  
só dá ladrão! só dá ladrão!  
mas sempre vota no mais votado

o povo é mais um na multidão  
não vejo ninguém do meu lado  
pilantra, escroque, patife, deputado  
são sinônimos de rufião

o povo não merece perdão  
pensa o general desde soldado  
o exército não tem salvação  
diz o povo de rabo espichado

esse povo nasceu no país errado  
só existe em época de eleição  
ainda assim porque é feriado  
e logo voltam à sua nação

(Roberto Prado, Marcos Prado e Antonio Thadeu Wojciechowski)

## **eu por mim**

às vezes penso eu  
o que vão pensar de mim  
se até hoje ninguém me entendeu  
posteridade não dará cartaz a mim  
quem hoje me comoveu  
amanhã faz chacota de mim  
não era Nero e sim eu  
o gênio que fui só pra mim  
acreditei que o mundo era meu  
tudo tinha sido feito pra mim  
não fui só o bonzinho que se fodeu  
mas todo mundo chorou por mim  
muitas vezes penso que morreu  
aquele que eu chamei de mim

(Roberto Prado, Marcos Prado e Antonio Thadeu Wojciechowski)

## feliz engano novo

nem vem de história  
que o papo é bicho geográfico  
muito antes de Abel virar sacana  
Cain já estava em estado de cama  
Buda virou buda só de coçar o saco  
Moisés saiu pelo mundo catando cavaco  
ninguém precisa saber que Kennedy era androide  
e nem espalhar que Luther King era Freud  
Júlio César sofria de amores brutus  
até tu, João XXIII, gozando os frutos?  
Jesus acabou numa encruzilhada  
Churchill murchou depois de feita a cagada  
Lutero não aguentou ver o nome no protesto  
Van Gogh enterrou o orelha e deixou o resto  
Nero nunca passou de fogo de palha  
Mussolini tocou fogo na própria genitália  
que eu saiba Gengis Khan pinta e borda  
Paganini pagou o que devia numa corda  
a morte de Einstein é muito relativa  
Cleópatra, se escavarem bem, ainda está viva  
Shirley Temple sempre foi uma velha pentelha  
James Dean é um porsche vermelho  
nunca ouvi falar de Portugal  
o único erro de Pedro Álvares foi fatal  
a história só se repete como farsa  
lá vou eu de novo consultar a Barsa  
no último capítulo o esqueleto de Costa-Gravas  
ninguém entendeu suas últimas palavras

(Roberto Prado, Marcos Prado e Antonio Thadeu Wojciechowski)

## **ainda que seja de dia**

A San Juan de La Cruz

Olhando o céu diferente,  
o sol, estrela mais perto,  
esconde as demais qual ausentes.

Ilusão se sentir penitente,  
por força maior sobreposta  
às luzes distantes presentes.

Não é essa a dor de quem sente:  
a dor é luz de estrelas  
às vezes nem mais existentes.

(Roberto Prado e Antonio Thadeu Wojciechowski)

## águas marinhas

Grandeza absoluta do planeta  
que em sete mares liquefaz-se.  
Por estar onde o céu quer que esteja,  
sem obstáculos para que ultrapasse,  
oferece à pedra a outra face  
a branca espuma benfazeja.

(Roberto Prado, Marcos Prado e Antonio Thadeu Wojciechowski)

## **dia DDT da dita cuja**

hoje eu acrescento na bruxa  
volta e meia parado no box  
sem contrato com a 20th century fox

ninguém dissimula bancando o burro  
não suporto mais fogo de artifício  
eu sempre fiz a parte mais difícil

por isso de hoje não passa  
quem na véspera mete a mão no vespeiro  
amanhã quer tocar fogo no mundo inteiro

disso você já sabia quando me conheceu  
agora pra começar uma festa de arromba  
acabo de colocar seu carro numa bomba

e pra não dizer que eu não sou amigo  
depois de meio caminho andando  
eu bato as fotos de você voando

(Roberto Prado e Antonio Thadeu Wojciechowski)

## ponto crítico

Saúde, luz e vida longa ao crítico,  
Alma humana que merece salvação.  
Escura morte morna à Crítica,  
demônio doente com o diabo no corpo são.

Não odeia, aquele que foi bafejado pela razão,  
os afastados de Deus pela ausência de prazer.  
Não se exija do necrófilo nada além de saber  
arrastar cadáveres para a prostituição.

As linguças existem, carentes de encheção.  
Não erga a voz para justificar sem dó.  
Àqueles que a dor do silêncio já respondeu.

Ame, também, os que estão abaixo da abstração,  
sem querer chorar o que é riso só,  
sem querer sorrir o que entristeceu!

(Roberto Prado, Marcos Prado e Antonio Thadeu Wojciechowski)

## **pão seco na porta**

eu bem que tento fazer tudo certinho  
só preciso de um pouco de compreensão  
o doutor disse: “— você vai ficar bom!”  
e já me sinto bem mais bonzinho

tenho fé de que tudo vai melhorar  
nunca mais vou precisar me desculpar  
a vida não é brinquedo vocês sabem  
e por mais que cuide acaba saindo bobagem

eu nunca fui ladrão, prefiro pedir  
perdão se um dia ofendi sendo sincero  
devo tudo a vocês, não canso de repetir  
amor carinho é tudo que eu quero

que seja um bálsamo para tu alma estas rimas  
fiz de coração aberto e espírito desarmado  
por sensível, acabam me tomando por viado  
viu? acabei de fazer mais uma das minhas

(Roberto Prado e Antonio Thadeu Wojciechowski)

## **sempre alerta**

acerte o passo, erre certo  
o alvo pelas costas eu vi  
as pedras da europa  
são tão velhas quanto as daqui  
eu sabia que você existia  
mas não te esperava ali

estou indo muito antes  
onde você não vai chegar  
a esquiva foi hesitante  
não adianta se desculpar  
o pecado dobra a esquina  
e a ordem vem de baixo pra cima

quando fiquei sem palavras  
achei que foi pouca conversa  
minha rua termina onde a tua começa  
e vice-versa  
então  
onde você vai com tanta pressa?

(Roberto Prado, Marcos Prado e Antonio Thadeu Wojciechowski)

## **sorvido de bandeja**

buraco negro onde sumi  
me dá licença pra eu sair  
alguém me espera lá fora  
não devia ter entrado aqui  
foi engano

do meu ponto de vista  
o que vale ver já vi  
nas suas curvas quânticas  
o quanto perdi

bom, já que eu estou aqui mesmo  
perdendo meu tempo  
vou cantar uma musiquinha  
que eu aprendi no tempo  
em que eu tinha  
tempo de sobra

sou um cavaleiro andante  
na parada de lukács  
ou será que sou  
um cavaleiro parado  
numa andança de lucas?

saudade de lucas  
do mateus  
do matusa  
de matinhos  
da medusa  
do medronho  
do mohamed  
da turma toda

eu quero mandar um especial abraço  
pro meu grande amigo  
jesus krishna murtinho da silva  
lá do observatório espacial do morro da mangueira  
– fala, jesus!  
desce aí pra salvar a gente!

alguém me espera lá fora  
não devia ter entrado aqui  
foi engano

(Roberto Prado e José Alberto Trindade)



## TERCEIRAS COISAS – BÔNUS 2

*VERSÕES BRASILEIRAS – A arte de ser o original*

o mendigo olha  
e reconhecendo-me  
devolve a esmola

(Kobayashi Issa – versão brasileira de Roberto Prado  
e Antonio Thadeu Wojciechowski)

## Tim-tim à beira do abismo

Vaga esta escuna, virgem verso  
a não significar mais que o mastro.  
Bem longe, afunda o ígneo astro,  
sereias áureas rugem ao reverso.

Naveguemos, ó meus fraternos  
Amigos! Eu, de vento em popa,  
vocês, em festa, não dêem sopa  
à onda que deriva dos infernos.

Minha loucura fala mais alto.  
Sem medo do mar, tomo de assalto,  
para fazer aos céus esta oferenda:

– Calmaria, recifes, constelações,  
nada espero ao final da senda,  
salvo o afã de nossos corações!

(Mallarmé – versão brasileira de Roberto Prado  
e Antonio Thadeu Wojciechowski)

## Traga o vinho

Veja: as águas do rio caem do céu,  
vão para o oceano e voltam de um jeito ou de outro.

Veja: as madeixas lindas nos espelhos límpidos,  
negras pela manhã, brancas de neve à noite.

Deixe um homem de espírito atrever-se a ir onde lhe agrada.  
E nunca erga sua taça vazia para a lua.

Já que o céu deu o talento, deixe-me usá-lo.  
Faça um teste: rode milhares de moedas de prata  
e repare como todas elas voltarão para você.  
Asse o carneiro, carneie o boi, aguçe o apetite  
e prepare para mim, com trocentos copos, uma longa bebida.

Para o velho mestre e o jovem que promete, traga o vinho!  
Que sua taça nunca descanse.  
Deixe eu cantar uma canção para você.  
Que seus ouvidos me ouçam.

O que são o violão e o tamborim, raros pratos e tesouros?  
Deixe-me ficar bambo para sempre e nunca mais voltar à razão.

Esquecidos os homens sábios e sóbrios de antigamente  
somente os grandes bebedores merecerão a glória eterna.

Reza aquela lenda: o príncipe Chen em tempos idos  
pagou num banquete no Palácio da Perfeição  
dez mil moedas de ouro por um barril com muitos risos e pilhérias.

Então por que dizer, meu bom anfitrião, que o seu dinheiro se foi?  
Saia, traga o vinho e nós o beberemos juntos.

Meu cavalo sangue bom e seus enfeites de diamante,  
minhas peles raras que valem milhões,  
entregue tudo ao rapaz e traga o vinho  
para afogarmos as mágoas de dez mil gerações.

(Li Po – versão brasileira de Roberto Prado)

## **De cidade em cidade**

Sento na beira da estrada  
Enquanto o motorista troca a roda.  
Não gosto da cidade de onde venho.  
Não gosto da cidade para onde vou.  
Então por que espero essa troca de roda  
Com tanta impaciência?

(Bertolt Brecht – versão brasileira de Roberto Prado)

## O vinho dos amantes

indo belo lindo um dia todo sim  
é proibido proibir que tenha fim  
bebo o vinho mel, divino néctar,  
o céu ainda por cima parece concordar

um par de arcanjos, que figuras!  
ambos puros artífices das alturas  
eu e a taça, vinhetas da paisagem  
o vinho volta à uva, eu, à miragem

no embalo dos tragos a terra gira  
mecanismos de um turbilhão inteligente  
que tudo ouve sabe vê e só delira

o paraíso já era aqui e paralelamente  
em outro entramos, agora como um só  
ic! epa! ops! rum... rum... ã? ó!

(Charles Baudelaire – versão brasileira de Roberto Prado,  
Marcos Prado e Antonio Thadeu Wojciechowski)

## Alma do vinho

O espírito de Baco, exalando pelo gargalo,  
bafejou: "bebum, a sua saúde é minha alegria.  
Tirou a tampa, agora engula até o regalo,  
mesmo de língua enrolada serei tua melodia.  
Não é mole aguentar no lombo o sol rachando,

montanha de suor e mal trato tamanho  
para me parir, beber e sair tropeçando,  
esquecido que subo mais se sou de antanho.  
Ao descer, pelo estalo da língua, faço eco  
na goela de quem se gasta para gastar comigo.

Não me apego à adega de qualquer boteco,  
prefiro cair de boca na valeta de um amigo.  
Não dás ouvido nem vês o coro embargado  
na esperança de que o peito um dia faça bico?  
No duro e frio balcão, ó dor atroz do baqueado!,

se for só pra felicidade diga ao povo que fico.  
Acordo já já o teu olhar de raposa mal dormida,  
com tal força e cor te transfiguro, bebum,  
que nunca mais desgrudarás da minha vida,  
seremos pra sempre, eu e teu sangue, apenas um.

Desmaio contigo, guerreiro de copo ao vento!  
Estou até os grãos, bagos estourando, Deus acuda!  
A rima que aflora no guardanapo sujo e sebento  
seja eternamente divina e tua razão sacuda!"

(Baudelaire – versão brasileira de Roberto Prado  
e Antonio Thadeu Wojciechowski)

## **Um dia desses**

Nuvens leves, vento sereno, quase meio-dia.  
Um regato corre, sorrindo entre os chorões.  
Os homens não podem compreender  
a felicidade que canta no meu coração.  
Dizem que choro de alegre, sem motivo,  
como uma criança.

(Li Po – versão brasileira de Roberto Prado)

## **o sobrevivente do são joão**

os ídolos do futebol europeu  
nasceram aqui na vila  
só sobrou eu  
só sobrou eu no são joão

por isso eu fico pensando  
enquanto meu filho está treinando  
será que o dia já deu

ou ainda tenho que lavar  
os pneus da limosine  
do falecido seu dirceu?

(Roberto Prado e Trin London)

## **tudo pode ser**

Sempre que olho para este cara  
(Ele não bebeu e tem a mesma risada)  
Eu penso: as coisas melhoram  
Aquele tempo pode voltar  
A vida recomeça  
Breve tudo será como antes

Sempre depois de conversar e rir  
(Ele comeu e não vai embora)  
Fala comigo e está sem o chapéu  
Eu penso: o mundo é bom  
O tempo de falar sozinho terminou  
Dá pra conversar com um sujeito, ele ouve!  
O amor começa novamente  
Breve tudo será como antes

(Bertolt Brecht – versão brasileira de Roberto Prado)

## Apenas um toque discreto

José Arrabal

Faz tempo que conheço Roberto Prado! Muito tempo!

Tanto, que, ao nos conhecermos, seu irmão, o poeta Marcos Prado (1), hoje, com a idade de Deus, tinha, então, só quinze anos, quatorze, acho que treze! Era pouco mais do que uma criança! Ainda que já fosse pessoa inesquecível! Poeta gigantesco! Esse Lautréamont das noites de Curitiba!

*[Quem não leu seu “Ultralyrics” (2), publicado pela Travessa dos Editores não leu nada, está inadimplente com as letras, em dívida com os céus e com as terras de Deus e dos Homens! Leiam, leitores!]*

Lembro bem!

Estávamos em Umuarama (3), na época com as ruas sem calçamento, uma poeira danada e um frio de lascar, também!

Era julho! No meio dos anos setenta!

Jornalista, professor de artes cênicas e agitador político contra os militares no poder, eu estava lá, participando de um festival de teatro independente, com grupos de jovens de todos os Brasis, festa rara, no país da ditadura de más lembranças! *[Quem não se lembra daquele tempo, anda de miolo mole, correndo sério risco de viver tudo outra vez! Lembrem, caros leitores! E saibam dessa tragédia! Cuidem sempre de lembrar e de jamais esquecer!]*

Anoitecia, quando alguém me contou que havia chegado uma turma de Curitiba. Pessoal muito novo, com espetáculo bem encenado, apresentando texto escrito por eles mesmos.

Curioso, fui ver.

Jantavam no refeitório do colégio em que nos hospedávamos. Onde, pela primeira vez, percebi o imprevisto, sem me esquecer, jamais!

*[O tempo, ainda que bandido perdulário, é, também, feito uma gralha azul. Planta, nas terras do corpo da gente, algumas*

*das melhores sementes de nossas lembranças, pretendendo comê-las um dia! Elas, porém, germinam, nos fornecendo plenas araucárias, de onde miramos o passado, para melhor temperarmos o gosto do presente e sentirmos o aroma do que vem depois!].*

Numa das mesas do refeitório, entre seus companheiros do grupo de atores de Curitiba recém-chegados, tinha um moço que, estranhamente, brilhava!

Sim! De verdade, ele brilhava!

Uma luz própria que jamais vi em outro alguém!

E, se apagassem de vez a luz do salão, com certeza, ficava tudo claro, pois ele brilhava!

Seu nome? Roberto Prado! Creiam, leitores!

*[E me confirmem, lendo, neste livro, o poema “dez mandamentos”, (p. 71).*

*Leiam e creiam. São seus modos e feitos de ser. Verso por verso. Vida por vida.]*

Era como se sua aura se fizesse presente. Tranquilamente, presente, em torno de seu corpo, numa espécie de dom natural que, assim, não surpreendia, senão no primeiro instante.

Depois!?

Sempre nos acostumamos com essa luz de Roberto Prado, em seu corpo inteiro, iluminado.

Alguns mais próximos, já nem notam. Só sentem. E convivem.

Quanto a mim, que custo a encontrá-lo por morarmos distantes um do outro, quando a vida, no moer do dia a dia, vira noite pesada e, nas ruas, os equívocos predominam, quase me levando a ter raiva da humanidade, rapidinho, lembro de sua luz, desde aquela vez em Umuarama, e me reconcilio com esperanças e certezas.

Creiam, leitores!

*[E me confirmem, lendo, neste livro, o poema “a volta triunfal”, (p. 37). Leiam e creiam!*

*Se querem mais, leiam “bebendo de fonte segura”].*

Na ocasião de Umuarama, soube que o moço do brilho

escrevia poemas, peças de teatro, dirigia espetáculos e trabalhava como ator, junto de seus amigos de Nossa Senhora da Luz dos Pinhais (4), a capital do Estado. Que era irmão de Marcos Prado... sendo, os dois, sempre poetas... e, nisso, um bocadinho, me adotei, aos poucos me fazendo, também, irmão dos dois.

Daí, nas nossas vidas, entrou o tempo e houve tanta coisa que tudo ficou mesmo reunido, mais parecendo um só ontem. Um ontem diferente, como se fosse sempre. Assim. Num tempo só. Chegando a toda hora. Presente no presente.

Às vezes por um fato, visita inesperada, notícia de amigos, algum telefonema, um livro por sair, o memorável empenho, na tradução que fez do “tao te king” (5) com dois companheiros, a vinda de outro filho, em meio à filharada dele e de Liliane. Sem prosa ou cerimônia, no trato desses fatos, o ontem vira hoje. E dá sentido à vida. Pois sempre foi assim, com Roberto Prado. O que não me espanta. Ele rima sempre.

Sim!

Creiam, leitores!

*[E me confirmem, lendo, aqui, esse feitio de Roberto Prado, expresso num poema que, na brincadeira ambígua, chama de ‘Tantã’ (p. 27),, mais pelo som daquilo que nos diz o título: “por fora/por dentro e entre/pela vida afora/e antes/hora após hora/por exemplo, agora,/eu rimo sempre”.*

*O que reitera, em ‘no batuque do coração’ (p. 46).*

*Leiam, leitores!*

*E rimem, também!*

*Por harmonias, em nosso planeta de tão poucas rimas e tantos pés quebrados, carente de concertos.].*

Pois foi com suas rimas que, recentemente, ele me chegou, trazendo mais um livro. Pedindo, gentilíssimo, com sua luz de sempre, uma apresentação, um prólogo, um prefácio, qualquer coisa assim.

Desculpa que entendi, pois Roberto Prado, em sua mania de viver rimando, apenas me pedia para estar por perto, dentro de seu livro.

Só isso! Nada mais! E nem nada demais! Com seus dados,  
nos seus lances de poeta permanente! Pessoa iluminada!

*[Creiam, leitores! Ele é sempre assim! Rima até contra  
a maré!*

*Água mole em pedra dura! Fura sempre, sempre fura!*

*Há tempos, em visita que fez a minha casa, deixou numa  
parede pequeno manifesto, poema bem plural, com jeito de  
haicai recado para amigos:*

*“Um dia  
Plurifico  
Todos”.*

*E na mais original das traduções de **O Corvo** (6), que  
ele escreveu com outros companheiros – entre eles, Marcos,  
o irmão Lautréamont –, Roberto sintetiza: **“Tranquilamente  
minha alma se incendeia”**.*

*E se vocês, leitores, ainda não leram essa tradução dos  
versos de Allan Poe, não deixem de ler! Existe por aí, nas mãos  
de outros leitores bem mais felizardos!]*

Daí, leio e releio o livro de agora. Leio devagar e leio cor-  
rendo. Leio a meia voz e, mesmo, a voz e meia.

Leio de um só gole e leio degustando.

O que se confirma é que Roberto Prado, com suas pala-  
vras, sua poesia, feito um artesão de apurado gosto, no uso dos  
sons e de seus sentidos, persegue a linguagem para decantar,  
destilar a língua, chegando a possuir até mesmo as letras que  
o silêncio tem.

*[Creiam, sem temor! Entre tantas coisas, é o que escreve  
de alma lavada e coração aberto, nos poemas **“uma letra”** e  
**“buraco negro”**, compondo a poética que produz no livro: **“chame  
um batuque exato/para o silêncio dançar”** ou **“de tudo/que  
mais amo no mundo/eu tiro o som”**].*

Leiam, leitores!

E bem percebam essa **“amada poesia”** que, para seu criador,

é **“cara companheira/prece que parece canção”**.

Rimem com Roberto Prado, desde o primeiro poema. O seu **“ultimato est”**. Não se sintam constrangidos diante da poesia!

Se o poeta é iluminado, a pessoa mais perfeita dentre todas que conheço, seu livro, por sua vez, com jeito e serenidade, é **“apenas mais um coração fazendo barulho”**. Trazendo **“dez mandamentos”**!

Leiam, leitores! Logo!

Não deixem para amanhã!

Essa vida é um galope, entre o fim e a partida!

*José Arrabal*

*São Paulo*

**(1)** Marcos Prado (1961–1996) – **(2)** Ultralyrics, livro de poemas e CD de canções de Marcos Prado, editora Travessa dos Editores, 2005. – **(3)** Cidade do Paraná – **(4)** Antiga denominação da capital do Paraná: Vila de Nossa Senhora da Luz dos Pinhais de Curitiba – **(5)** Tao – O livro da Co-Criação da Vida, de Lao Tsé, tradução de Roberto Prado, Alberto Centurião de Carvalho e Antônio Thadeu Wojciechowski, Lagarto Editores, Curitiba, 1992 – **(6)** O Corvo, de Edgar Allan Poe, tradução de Roberto Prado, Antonio Thadeu Wojciechowski, Marcos Prado e Edilson Del Grossi Fonseca, editado inicialmente em 1985, na forma de pôster, com ilustração e direção de arte de Osvaldo Miranda e posteriormente incluído nos livros O Corvo, edição trilingüe, editora Expressão, 1986 e Os Catalépticos, Lagarto Editores, Curitiba, 1989.

Curitiba, 2025  
Impresso em papel  
Avena 80 gr/m<sup>2</sup>  
Tipologia: Figtree



[editoramaquinadeescrever.com.br](http://editoramaquinadeescrever.com.br)

 @editoramaquinadeescrever

 editoramaquinadeescrever

## SINOPSE

“Tudo Até Agora” traz aos leitores e estudiosos um significativo compilado da obra poética de Roberto Prado, poeta que fez da ousadia, da inovação e da tecelagem de sonoridades inusitadas algumas de suas principais características. Prepare-se para uma poesia de amplo espectro e alta voltagem, que testemunha a resistência do humano nestes tempos de corações inquietos e mentes perplexas.

## O AUTOR

Roberto Prado é poeta, roteirista de rádio, TV e cinema, contista, jornalista, publicitário, compositor e tradutor com mais de 50 anos de ininterrupta carreira nas mais diversas áreas culturais. Tem vários livros publicados, muitas composições gravadas e participação ativa em plataformas digitais. Nascido em Curitiba, sua obra tem sido objeto de estudo e pesquisa em diversas universidades.

[POESIA]



Avalie o livro  
neste QRcode